



BONS ALUNOS NÃO QUEREM SER PROFESSORES

Baixo *status* social da profissão e remuneração ruim são os principais empecilhos para atrair candidatas de alto desempenho para a carreira docente

Os professores dos sistemas educacionais mais bem cotados nas avaliações internacionais, como da Coreia, Finlândia e Cingapura, são recrutados entre os 30% melhores alunos de seus países. Já por aqui, segundo dados que aparecem em estudos da Fundação Lemann e do Banco Mundial, acontece exatamente o contrário. Dos interessados na carreira docente, 30% estão entre os piores alunos brasileiros. Além disso, somente 10% dos estudantes do ensino médio com desejo de se tornarem professores no País fazem parte dos alunos com melhor desempenho. Esses dados revelam que a carreira docente no Brasil atrai uma porcentagem elevada de estudantes pouco qualificados. Para os bons alunos, pelo menos por enquanto, a profissão de professor não é uma possibilidade muito atraente.

Para o senador Cristovam Buarque, também colunista desta revista, que exerceu o cargo de Ministro da Educação de 2003 a 2004 e tem o setor como uma de suas principais frentes de atuação no Senado, esses números podem comprometer o futuro do Brasil. "Um país cujos professores são escolhidos entre os alunos menos preparados não tem futuro. Na Finlândia não pode fazer concurso para ser professor quem não estiver entre os 10% melhores alunos da turma. Quem não for dos melhores que não queira ser professor. No Brasil é o contrário. São os piores."

O relatório da pesquisa "*How the world's best performing schools systems compare on top*" ("Como os sistemas escolares com melhor desempenho no mundo chegam ao topo"), realizada pela empresa de consultoria McKinsey & Company, sugere que um dos aspectos mais importantes

para oferecer uma educação de qualidade é conseguir "as pessoas certas para se tornarem professores", ou seja, contratar os profissionais mais aptos do mercado para essa função. Os pesquisadores afirmam no estudo que "a qualidade de um sistema educacional depende da qualidade de seus professores". O relatório mostra que as melhores escolas do mundo alcançam esse nível de excelência por meio da capacidade de atrair consistentemente os profissionais mais qualificados. E esses sistemas fazem isso usando um processo altamente seletivo de recrutamento de professores e também pagando um bom salário inicial, o que naturalmente eleva o *status* da profissão, atraindo candidatos ainda melhores e formando um positivo círculo vicioso.

O baixo *status* social da profissão e a remuneração ruim, sobretudo no início da carreira, são justamente os principais

empecilhos que o Brasil enfrenta na hora de conquistar os alunos de melhor desempenho para a docência, na opinião de Paula Louzano, consultora da Fundação Lemann e uma das autoras do estudo "Quem quer ser professor? Atratividade, Seleção e Formação Docente no Brasil". Aqueles que se destacam no ensino médio acabam escolhendo carreiras mais conceituadas no mercado e com melhores salários. "Muitas vezes, as pessoas estão fazendo esse curso [Pedagogia ou licenciaturas] porque não conseguiram, pelo despreparo do ensino médio, ingressar em uma carreira mais competitiva, como Medicina, Administração, Direito, Engenharia, ou porque essas carreiras não permitiriam que elas trabalhassem simultaneamente", destaca a consultora. Paula explica ainda que a carreira do magistério é barata em relação às outras, o que faz com que exista também um perfil social, econômico e cultural dos ingressantes diferente daquele das áreas mais competitivas. Segundo dados apresentados na pesquisa "Quem quer ser professor?", com base no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) de 2005, 80% dos alunos que optam pelos cursos de Pedagogia estudaram em escola pública, 48,5% vêm de famílias com renda de menos de três salários mínimos e 50% têm mães com nível de escolaridade até a 4ª série ou menos, um indicativo que muitos estudos apontam como fortemente correlacionado com o desempenho do estudante.

A professora do 4º ano do ensino fundamental Cristina Werneck, de 32 anos, que leciona em um colégio particular de Belo Horizonte (MG), não engrossa essas estatísticas. Cristina foi uma boa aluna, nunca ficou de recuperação na escola, vem de uma família com elevado perfil intelectual e econômico, fala inglês e espanhol, fez intercâmbios nos Estados Unidos e na Espanha, assistia com frequência a peças de teatro e sempre cultivou o hábito da leitura, incentivado pelos pais. Dos 240 formandos no ensino médio da instituição de ensino em que estudava - uma das mais tradicionais da rede privada de Belo Horizonte -, ela foi a única a escolher a carreira de professora do ensino fundamental. Mas antes de optar definitivamente por esse caminho chegou a cursar Relações Internacionais e

Economia, que abandonou um semestre depois. A pergunta inevitável é por que, com tantas possibilidades, Cristina escolheu a docência? "Foi um ideal. Porque sempre pensei que a educação é muito necessária, que trabalhando com educação eu poderia fazer alguma diferença", explica a professora mineira. O altruísmo é um dos quatro principais fatores de atratividade da carreira docente, segundo informações provenientes da literatura internacional compiladas no estudo da Fundação Lemann. Também são considerados atrativos: a flexibilidade que a profissão oferece, que diz respeito à possibilidade que os educadores têm de trabalhar em tempo parcial, a quantidade de férias e as taxas de desemprego baixas. Mas como fazer, sem depender do altruísmo, para que mais pessoas como a professora Cristina se interessem pela carreira docente? Elevar o *status* da profissão é o primeiro passo e opinião unânime entre os especialistas.

Status

O estudo do Banco Mundial "Atingindo uma educação de nível mundial no Brasil: Próximos passos" destaca melhorar a qualidade dos professores como um dos desafios principais dessa década. No sumário do capítulo, afirma-se que "a carreira docente se tornou uma profissão de baixa categoria que não consegue atrair os candidatos de alto rendimento acadêmico". O senador Cristovam Buarque também faz uma crítica sobre o *status* do professor no País. "O Brasil não põe o professor como um cidadão VIP [do inglês *Very Important Person*], coloca seus artistas, seus jogadores, seus empresários, mas não seus professores. E isso é uma característica do Brasil, sobretudo nos últimos 50 anos. O professor não é respeitado. E o *status* da profissão é uma das razões pelas quais os jovens escolhem uma carreira."

Se tomada como base uma pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas (feita com 1.501 alunos do 3º ano do ensino médio em 18 escolas públicas e privadas de oito cidades do País), divulgada no ano passado, é possível perceber que a profissão de professor anda mesmo em baixa. Somente 2% dos estudantes tinham como opção principal no vestibular a Pedagogia

ou alguma licenciatura. Além disso, nos últimos cinco anos, o número de docentes da educação básica teve uma queda expressiva, passando de 2.500.554 profissionais, em 2007, para 1.977.978 em 2009, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Para Paula Louzano, em primeiro lugar é preciso fazer um trabalho para recuperar o valor da profissão. "É o professor que vai formar a nova geração, que vai fazer as transformações do País. (...) É uma profissão que impacta todas, então resgatar a importância do professor é fundamental e acho que deve ser uma política pública nacional. Esse resgate é importante." Transformar o *status* de uma profissão soa como algo de longo prazo, mas não para todos os países. A Inglaterra conseguiu mudar o *status* da carreira de professor em cinco anos, fazendo com que nesse período a profissão passasse da 90ª posição para a 5ª entre as mais desejadas pelos estudantes do ensino médio. Essa conquista foi possível a partir de reformas estruturais e um intenso marketing de divulgação, com campanhas que destacavam o valor do salário por hora, os aspectos agradáveis do ambiente de trabalho e a importância da função, entre outros.

Além do *status*, oferecer uma boa remuneração é essencial para atrair mais candidatos qualificados, sobretudo um bom salário inicial, um fator de grande influência na escolha de uma carreira, como sugere o estudo da McKinsey & Company. Para ser ter uma ideia da importância desse aspecto, na Finlândia, país onde o *status* do educador é alto e apenas os melhores alunos são selecionados para a docência, a diferença entre o salário inicial e o ganho máximo de um professor é de apenas 18%. Atualmente, no Brasil, o piso nacional do magistério, para os docentes da educação básica da rede pública, é de R\$ 1.187 para uma jornada de 40 horas semanais. Apesar da lei 11.738 (de autoria do senador Cristovam Buarque, que regulamenta o valor mínimo para a remuneração do professor em todo País) ter sido aprovada em 2008, na prática a legislação não estava sendo aplicada por causa de uma ação de inconstitucionalidade em andamento no Supremo Tribunal Federal (STF). Mas es-

sa situação poderá mudar com a decisão do STF, no dia 6 de abril deste ano, de que a lei é constitucional.

Progressão na carreira

Existem muitos aspectos que contribuem para a imagem negativa que se formou em torno da profissão de educador, como as más condições de trabalho, o desinteresse dos alunos, a falta de aparatos tecnológicos suficientes, entre outros. Mas além desses fatores, que também necessitam de soluções urgentes, é essencial para tornar a profissão mais atraente oferecer oportunidade de progressão na carreira. "É preciso fazer com o professor o que o País fez com os funcionários do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, da Justiça, do

Congresso, da Infraero, tem que se criar uma carreira nacional do magistério (...) um concurso federal para escolher professores pagando um bom salário", acredita o senador Cristovam Buarque, que também defende que a educação seja responsabilidade exclusiva da esfera federal. O Ministério da Educação (MEC) anunciou que, a partir de 2012, será realizado o Exame Nacional de Ingresso na Carreira Docente, de participação voluntária, que tem como objetivo subsidiar a contratação de professores para a educação básica nos Estados, Distrito Federal e municípios, mediante adesão. Mas a prova do MEC não torna a carreira federal, apenas cria uma avaliação que possibilita unificar os critérios de seleção e, consequentemente, permite ao professor, se os sistemas de ensino aderirem, fazer apenas uma prova e poder concorrer com sua nota a vagas em qualquer lugar do País.

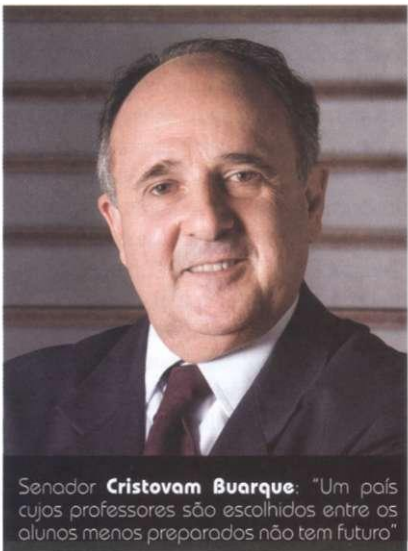
"É importante a perspectiva de progresso dentro da carreira que valoriza o crescimento, não apenas salarial, mas profissional por mérito, em que a pessoa possa chegar, por exemplo, a professor nível I, II, representante, coordenador pedagógico, etc, assim como existem os diferentes *status* da carreira no ensino superior", destaca Paula Louzano. A falta de perspectiva na carreira é o motivo principal de descontentamento da professora Cristina Werneck. As duas pós-graduações que cursou - Educação para Valores e Centros Educativos e também Psicopedagogia - não contribuíram para aumentar seus rendimentos. "Em termos de salário não faz nenhuma diferença ter ou não pós-graduação. Isso é que me aflige. Estou com 32 anos e se eu continuar em sala de aula ficarei no mesmo lugar, tanto com relação ao trabalho quanto financeiramente. E isso me desanima um pouco", desabafa a docente, que se sente realizada com o dia a dia de sua atividade, vibra com a evolução dos seus alunos, porém não consegue enxergar um caminho na educação básica para o seu próprio progresso. Por essa razão, Cristina não descarta a possibilidade de continuar estudando para ministrar aulas no ensino superior, que oferece melhores chances de ascensão.

O impacto de um bom professor na aprendizagem é grande. Segundo o levantamento da McKinsey & Company, estudos apontam que alunos que têm

professores de alta performance progridem até três vezes mais rápido do que estudantes em classes com docentes de baixa performance. Não há dúvida que o avanço da educação no Brasil passa também pela melhoria da qualidade dos professores que, de acordo com o relatório do Banco Mundial, "exigirá o recrutamento de indivíduos de mais alta capacidade, o apoio ao melhoramento contínuo da prática e a recompensa pelo desempenho". Além de tornar a carreira na educação básica interessante para candidatos mais qualificados, fazendo com que a escolha da profissão não seja apenas uma segunda opção para os vestibulandos, o desafio do País é conseguir recompensar os professores contratados para que eles não abandonem o ofício e também atrair educadores capacitados, como a mineira Cristina, para a rede pública. •



Paula Louzano consultora e pesquisadora da Fundação Lemann, acredita que resgatar a importância do professor é fundamental para melhorar o *status* da profissão



Senador **Cristovam Buarque**: "Um país cujos professores são escolhidos entre os alunos menos preparados não tem futuro"

Quem quer ser professor?

Dados levantados pelo estudo "Quem quer ser professor? Atratividade, Seleção e Formação Docente no Brasil", de autoria de Paula Louzano, Valéria Rocha, Gabriela Moriconi e Romualdo Portela de Oliveira, para a Fundação Lemann e Instituto Futuro Brasil:

- Apenas 10% dos interessados na carreira docente estão entre os melhores alunos de ensino médio do Brasil;
- Por outro lado, um terço dos alunos interessados na carreira docente está entre os estudantes com pior desempenho;
- Na Finlândia, os professores estão entre os 10% melhores alunos do país;
- Diferente dos países de alto desempenho, o Brasil atrai indivíduos com baixo rendimento acadêmico e com perfil socioeconômico mais baixo para programas de formação de professores.

+ No Blog Educação em Pauta

Acesse www.profissaomestre.com.br/blog para ver o *post* com os links dos estudos citados nesta reportagem.

O que achou desta reportagem? Mande elogios, críticas e sugestões para yannik@humaneditorial.com.br